

**OS POBREZINHOS DE CRISTO: IDENTIDADE E MISSIONAÇÃO
FRANCISCANA NA NARRATIVA DA CUSTÓDIA DE SANTO ANTÔNIO DO
BRASIL, DE FR. MANUEL DA ILHA (1621)**

Rafaela Almeida L. Franca

Universidade Federal da Bahia (Mestranda)

r.almeida.ag96@gmail.com

A presente comunicação trata das principais questões que compõem o projeto de mestrado, iniciado este ano no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, cujo objeto de análise é a obra intitulada *Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil*, escrita pelo franciscano Fr. Manuel da Ilha em 1621. No evento de hoje, busco, em primeiro lugar, explicar as razões que justificaram a escolha desta crônica como objeto de estudo. Em seguida, pretendo adentrar no conteúdo da *Narrativa* propriamente dita, observando a construção do discurso, os argumentos ativados pelo cronista, e as imagens construídas a respeito dos próprios franciscanos e de seu trabalho na catequese.

Produzida a partir da designação de Fr. Benigno de Gênova, então Ministro Geral da Ordem de São Francisco, a *Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil* tinha como objetivo registrar as atividades dos Frades Menores na América portuguesa. Assumindo esta tarefa, Fr. Manuel da Ilha retratou a trajetória de seus confrades no além-mar, escrevendo tudo aquilo que considerou “coisas dignas de memória” (1975, p. 142). O cronista relatou desde a vinda dos religiosos para a colônia até o processo de instalação dos mesmos no Brasil, descrevendo a construção dos conventos, o cotidiano dos frades, as relações destes com colonos e indígenas, e também as dificuldades e, sobretudo, os sucessos da evangelização franciscana.

A *Narrativa* de Fr. Manuel da Ilha é um dos primeiros relatos de autoria franciscana de que se tem conhecimento que retratam a evangelização no Brasil. No entanto, apesar de contar com uma tradução do latim desde 1975, este é um documento ainda pouco

estudado. Mas a escassez de pesquisas sobre esta crônica aponta, em verdade, para uma lacuna historiográfica mais ampla. Durante muito tempo, os estudos a respeito da evangelização no Império português dedicaram pouca atenção à atuação dos Frades Menores na catequese. O que se observa nesta historiografia é uma predominância considerável das pesquisas que se debruçam sobre as ações da Companhia de Jesus.

Apesar da inegável importância dos jesuítas no desenvolvimento da missionação, seu protagonismo nas pesquisas vem chamando a atenção de diversos pesquisadores ao longo dos anos. Ângela Xavier, em artigo publicado em 2006, já apontava para as “inevitáveis distorções que este desequilíbrio provoca na construção da paisagem histórica quinhentista e seiscentista” (2006, p. 89-90). Seguindo-se a esta publicação, outros pesquisadores, como Isabel dos Guimarães Sá, em 2010, e Federico Palomo, em 2016, permaneceram preocupados com a centralidade inaciana na historiografia. Eles também afirmam que este “efeito distorcido” acaba por deixar os demais agentes da missionação “muito na sombra dos jesuítas” (SÁ, 2010, p. 273). Palomo chega a destacar como exemplo o caso dos franciscanos que, embora ocupem um espaço menor nas produções acadêmicas, tiveram um papel evangélico “muitas vezes tanto ou mais importante que o alcançado pelos jesuítas” (2016, p. 512).

A abundância de trabalhos acadêmicos a respeito dos inacianos é explicada, principalmente, pela maior volume de fontes disponíveis sobre estes religiosos. A própria Companhia de Jesus preocupou-se com a produção de registros, recorrendo com frequência às “prensas tipográficas para tratar de conferir durabilidade a suas ações apostólicas” (PALOMO, 2016, p. 511). No entanto, é preciso reconhecer também que embora os registros deixados pelos jesuítas sejam, de fato, mais numerosos, as demais Ordens Religiosas “também não carecem de produção literária” (SÁ, 2010, p. 273). Sobre o caso franciscano, Federico Palomo afirma que “não faltam os memoriais, as histórias, as crônicas das distintas províncias e conventos portugueses da Ordem [dos Frades Menores]” (2016, p. 515). Estas são fontes de grande relevância para os estudos de diversos temas, inclusive no que tange à participação dos franciscanos na empreitada missionária.

Diante disso, o objetivo desta pesquisa não é redimensionar ou reavaliar a importância da Companhia de Jesus neste processo. O que se pretende é contribuir para o alargamento deste campo de estudo, observando a missionação a partir de outra ótica. Nesse sentido, a análise de uma obra como a *Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil*, que foi produzida por um franciscano ainda no decorrer da evangelização, tem muito a dizer.

Apesar de nunca ter estado na colônia, Fr. Manuel da Ilha não só evidencia a presença franciscana na América Portuguesa, como reivindica lugar de destaque para os frades no trabalho de conversão dos nativos. Ele define seu relato como uma “narrativa certa e verdadeira”, construída a partir das “relações e memórias” de terceiros, recolhidas e analisadas por ele “longa e cuidadosamente” (1975, p. 141-142). Entre suas principais fontes destacam-se as memórias de Fr. Vicente do Salvador, missionário e autor da célebre *História do Brasil*¹, e de Fr. Leonardo de Jesus, Custódio do Brasil por duas vezes (1593-1596 e 1605-1608), o qual, estando em Portugal, supervisionará a escrita da *Narrativa*². Além dos relatos dos missionários, o cronista consultou ainda uma documentação ligada à governança, que ele inclusive transcreveu em sua obra.

A crônica de Fr. Manuel da Ilha parte do ano de 1584, data em que a Província de Santo Antônio de Portugal, responsável pela missionação dos franciscanos no Brasil, estabeleceu assento definitivo na colônia. A esta altura, as missões esporádicas que haviam marcado os primeiros anos da colonização portuguesa, davam lugar a uma catequese mais sistemática e incisiva (COSTA, 2000, p. 273-275). Com a fundação do primeiro convento franciscano da colônia, erigido na capitania de Pernambuco, fundava-se a Custódia de Santo Antônio do Brasil. Nas primeiras páginas da *Narrativa*, Fr. Manuel da Ilha destaca o “desejo de salvar almas” e o “desprezo e desapego das coisas terrenas” que teriam determinado a vinda dos frades para a colônia. Buscando

¹Fr. Idelfonso Silveira afirma que “há trechos idênticos” entre a *Narrativa* e a *História do Brasil*(1627). Segundo ele, e também Fr. Adriano Hypólito (1957), houve uma obra precedente de Vicente do Salvador, uma *Crônica* sobre a Custódia de Santo Antônio do Brasil, cujas informações ele teria repetido na *História do Brasil*. É este manuscrito anterior que teria sido consultado por Fr. Manuel da Ilha por volta de 1618-1619. ILHA, Fr. Manuel da. *Narrativa da custódia de Santo Antônio do Brasil: 1584-1621*. RJ: Vozes, 1975, p. 10.

²A supervisão de Fr. Leonardo de Jesus se faz notar nas passagens da *Narrativa* onde se encontra sua assinatura, atestando a veracidade dos eventos ali descritos. ILHA, Fr. Manuel da. *Narrativa...*, p. 30, 70, 112 e 140-141.

“entregar-se desinteressadamente ao serviço de Deus e proveito das almas”, esses religiosos, “insignes em virtude”, abdicaram da segurança do reino para “enfrentar os perigos do mar e percorrer caminhos difíceis” em nome da disseminação da fé cristã (1975, p. 27).

Esse desprezo pelas riquezas materiais será um aspecto recorrente ao longo da obra de Manuel da Ilha. Ao descrever as primeiras moradias dos frades na colônia, onde se estabeleceram até a construção dos conventos, o cronista destacou a aparência humilde deste tipo de “pobre habitação” (1975, p. 68), que não passavam de “pequenas casas de paredes de barro, cobertas de palha, com pouca luz e claridade” (1975, p. 51-52). A mesma humildade se observa na construção dos conventos propriamente ditos, todos eles erigidos “com as esmolas dos moradores do lugar” (1975, p. 72). Os devotos, além de fornecerem o financiamento das obras, também teriam trabalhado, de fato, nestas, ao lado dos próprios frades (1975, p. 78).

O “amor à santa pobreza” se faz notar também nas descrições das biografias individuais e coletivas que são registradas na *Narrativa* (1975, p. 27). Segundo os relatos de Manuel da Ilha, os franciscanos enviados ao Brasil eram religiosos “de vida provada e de costumes respeitáveis”. O cronista afirma que esses missionários viviam “contentes com um só hábito frequentemente remendado, com a corda e as roupas internas [...] nada desejando abaixo do céu senão aquilo que o próprio evangelho concede para o sustento da vida” (1975, p. 117-118). De seu discurso emerge a imagem do frade franciscano como indivíduo “profundamente humilde, inflamado de ardente caridade para com Deus e o próximo, generoso, afável, amantíssimo da pobreza e penitência” (1975, p. 86).

O mais admirável desses exemplos, a quem Fr. Manuel da Ilha descreveu com maiores detalhes, foi Fr. Pedro Palacios. Este religioso teria seguido o ideal de isolamento em sua forma mais rígida, habitando em uma ermida, na Capitania do Espírito Santo. Palacios vivia, unicamente, com “pequenas esmolas, com as quais ainda ajudava os pobres”. Despia-se completamente dos confortos do mundo, dormindo “sobre uma tábua, servindo-se de uma pedra como travesseiro”, costumava andar “descalço e trajava uma veste miserável e remendada”. Era também extremamente penitente,

“ordinariamente jejuava a pão e água, usava continuamente um cilício e levava vida de exemplo e edificação para todos” (1975, p. 58-59).

Observando o conteúdo da *Narrativa*, vê-se, portanto, que o aspecto da pobreza ocupa um lugar central no discurso ali construído. No entanto, a referência constante à humildade, como característica indissociável dos Frades Menores, não é uma peculiaridade da obra de Fr. Manuel da Ilha. A mesma ênfase quanto a este aspecto aparece também em outros escritos franciscanos produzidos entre o final do século XVI e primeiras décadas do XVII. Na obra de Fr. Marcos de Lisboa, produzida entre 1557 e 1570 e reimpressas em 1614-1615, intitulada *Crônicas da Ordem dos Frades Menores*, a prática da pobreza aparece como “Rainha das virtudes” (2001, II PARTE, p. 32-33). Assim como ocorre na *Narrativa*, a obra de Marcos de Lisboa também apresenta uma série de biografias exemplares, descrevendo religiosos cuja trajetória teria sido marcada pelo “zelo da pureza de sua regra e hábito de pobreza” (2001, II PARTE, p. 15). Um modelo espiritual identificado também na obra de Fr. Manuel da Esperança, cuja primeira e a segunda parte datam de 1656 e 1666. Na *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal*, Esperança também descreve a imagem do franciscano exemplar como “notavelmente austero” e “grandemente zeloso da guarda da santíssima pobreza” (1666, p. 436-437), para que assim “pudesse seguir na pobreza e humildade os passos de S. Francisco” (1666, p. 653).

A prática da pobreza, além de aparecer nestas obras mais tradicionais da cronística franciscana seiscentista, é recomendada também nos livros de orientação espiritual produzidos pelos Frades Menores neste período. O *Manual de las cosas esenciales a que son obligados los Frayles Menores por su Regla* (1571), por exemplo, defende a necessidade de que esta humildade seja praticada tanto no âmbito espiritual quanto no material, pois não bastava “ser pobres de espírito, sem sê-lo das coisas” (1571, p. 32). Esta obra indica ainda que o frade franciscano deve contentar-se com “um hábito vil, e manter-se de esmolas” (1571, p. 28). No *Abecedário e letras que o bom religioso há de aprender*, publicado em 1562, aparecem instruções semelhantes. A *Lição Quinta*, por exemplo, determinava ao frade que seguisse “a pobreza e simplicidade”, contentando-se “com poucas coisas”. E na *Lição duodécima*, afirmava-se que “grande mercê de Deus é,

ser pobre neste mundo por amor de Jesus Cristo, e ter o mais baixo lugar” (1562, p. 103-105).

Sobre esta semelhança entre os escritos franciscanos produzidos em Portugal, principalmente nas crônicas do século XVII, Luís de Sá Fardilha já apontou algumas importantes considerações. Além de identificar uma similaridade quanto à estrutura textual dessas obras, Fardilha detectou também que o “amor à santa pobreza radicalmente vivida e o apego ao cumprimento estrito da Regra” aparecem com destacada frequência, sobretudo nos relatos ligados ao ramo franciscano da Observância (2001, p. 111).

Segundo Federico Palomo, nos séculos XVI-XVII, a Ordem de São Francisco não se configurava como grupo coeso e homogêneo. Em verdade, os frades menores se encontravam subdivididos em “múltiplas famílias e sensibilidades religiosas (conventuais, observantes, capuchos e capuchinhos)” (2016, p. 511). Como membros da Província de Santo Antônio de Portugal, o autor da *Narrativa*, e os religiosos a quem descreve, pertenciam ao ramo franciscano ligado à Observância. Essa vertente defendia práticas espirituais mais rígidas, “pretendidamente mais próximas do ideal concebido por S. Francisco de Assis” (PALOMO, 2006, p. 51). Segundo Antônio Montes Moreira os franciscanos deste ramo “insistiam na observância integral da regra, praticavam a austeridade e a pobreza na simplicidade dos edifícios e no passadio cotidiano” (2000, p. 274). Características que, como se destacou anteriormente, aparecem, repetidas vezes, na obra de Manuel da Ilha e dos demais cronistas mencionados, que também faziam parte da espiritualidade observante.

Vê-se, portanto, que a *Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil* transparece um perfil espiritual defendido, não só pela Ordem franciscana como um todo, mas valorizado com maior ênfase por um ramo específico dentro desta. Indo além, é preciso analisar em que medida o discurso de Fr. Manuel da Ilha - e dos observantes de modo geral – manifesta também uma disputa identitária travada entre os vários ramos franciscanos. Como já observou Luís de Sá Fardilha, os escritos produzidos pelos membros da Observância, tão marcados pelo rigor da pobreza, indicam uma tentativa por parte destes religiosos para consolidar sua imagem como os verdadeiros “herdeiros

do autêntico espírito do Patriarca Seráfico” (2001, p. 105). Dessa forma, quando se examina os objetivos por trás da produção da *Narrativa*, há que se considerar o papel desta obra neste processo de fabricação da memória observante.

No entanto, para além das questões identitárias, é preciso lembrar ainda que a *Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil* é uma crônica que se debruça sobre o ambiente missionário. Diante disso, chama atenção o modo como este perfil espiritual é ativado como argumento para caracterizar e defender a evangelização franciscana. Para além do teor memorialístico, e dos objetivos de perpetuação de um determinado modelo espiritual a ser seguido, é necessário considerar as possíveis intenções propagandísticas que também se manifestam neste discurso.

Além de caracterizar a moradia e o cotidiano dos missionários, a humildade franciscana parece ter determinado também as relações entre os frades e os indígenas. Segundo a *Narrativa*, os nativos tinham preferência pelos franciscanos, em detrimento dos outros religiosos, porque “os Frades nada aceitavam deles [dos gentios], nem adquiriam riquezas, nem os ocupavam nos trabalhos e na agricultura, proibidos que eram pela sua Regra” (1975, p. 113). E essa predileção dos nativos pelos Frades Menores conduzia, por sua vez, a uma preferência também por parte dos colonos, que favoreciam os franciscanos nas disputas com outros missionários. As autoridades coloniais alegavam que “aqueles gentios não queriam outros Religiosos para os instruir na fé católica, mas somente os Frades Menores” (1975, p. 126). Vê-se, portanto, que o desprendimento material é mobilizado pelo cronista como o aspecto que justificava o sucesso da evangelização franciscana no Brasil.

O discurso de Fr. Manuel da Ilha sobre a missão na América portuguesa, não destoa do modo como outros Frades Menores descreveram a evangelização em outras paragens. Fr. Antônio Daza, ao descrever a missão franciscana nas diferentes partes do Império espanhol e português, ressaltou, com frequência, a “tão profunda humildade” com que esses religiosos desenvolviam a catequese (1611, p. 118). Ao retratar as missões no Paraguai e no Rio da Prata, por exemplo, Daza destacou o “notável exemplo e edificação” com que os Frades Menores “doutrinavam, pregavam, e batizavam os Índios” (1611, p. 131). Assim como a *Narrativa*, sua crônica apresenta

diversas trajetórias de frades exemplares, cujas vidas teriam sido marcadas pela observância rigorosa da Regra, mantendo “os ápices da pobreza, em comida, bebida, e hábito” (1611, p. 123).

Discurso similar é perceptível também na obra de Fr. Paulo da Trindade (1630-1636), que tratou da missão franciscana no Oriente. Para ele, não foi surpresa que Deus, em sua “suma sabedoria”, tenha enviado ao serviço da conversão os “humildes e pobres Frades Menores”. Afinal, segundo este cronista, não haveria melhores missionários para uma terra tão “cheia de todas as riquezas como é a Índia”, do que aqueles “que por sua Regra e profissão mais as desprezassem” (1962, I PARTE, p. 79-81).

Percebe-se, dessa forma, que nos registros franciscanos a respeito das atividades missionárias era frequente o argumento da pobreza. E a similaridade entre a *Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil* e esses outros relatos indica que Fr. Manuel da Ilha expressava uma forma recorrente de descrever a missão, ainda que não tenha vivenciado diretamente esta realidade. Diante disso, é possível questionar em que medida as semelhanças entre esses vários registros podem indicar um esforço, de nível global, por parte dos Frades Menores para legitimar e promover sua atuação na catequese, adotando, para isso, formas comuns de narrativa.

Por fim, vemos que a *Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil* expressa ao menos duas grandes intenções. Por um lado, é possível compreendê-la como parte do projeto franciscano para construção da própria identidade da Ordem, firmando a imagem dos frades como verdadeiros “pobres de Cristo” (ILHA, 1975, p. 32-33). Por outro lado, vê-se como esta crônica também se configura como ferramenta para a propaganda missionária e, mais a longo prazo, para a elaboração de uma memória a respeito da importância da Ordem dos Frades Menores na evangelização do Império português. A imagem que emerge do relato de Fr. Manuel da Ilha, e de seus contemporâneos, é a de que os franciscanos, pela sua Regra, “aprenderam a buscar só o bem das almas e não o interesse próprio” (ILHA, 1975, p. 138). Uma imagem que os franciscanos seiscentistas parecem ter assumido como o argumento fundamental que os tornaria missionários por excelência.

REFERÊNCIAS

COSTA, João Paulo Oliveira e. “A Diáspora Missionária”. In: AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.) *História Religiosa de Portugal*, Vol. 2: Humanismos e Reformas. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

DAZA, Fr. Antônio. *Quarta Parte de la Chronica General de Nuestro Padre San Francisco e su Apostólica Ordem*. Valladolid: por Juan Godines Millis y Diego de Cordova, 1611.

Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente – Índia. 05 Volumes (1499-1554). Coligida e anotada por Antônio da Silva Rêgo. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1947-1951.

ESPERANÇA, Fr. Manuel da. *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal*. Primeira e Segunda Parte. Lisboa: Na Oficina de Antônio Craesbeeck, 1656 e 1666.

FARDILHA, Luís de Sá. “Uma introdução à História Seraphica... na Província de Portugal”. In: *Quando os frades faziam história: de Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcelos*. Porto: Centro Interuniversitário da História da Espiritualidade, 2001, p. 103- 119.

HYPÓLITO, Fr. Adriano. “Frei Vicente do Salvador e sua Crônica da Custódia do Brasil”. In: *Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil*. Vol. 1. Recife: Provincialado Franciscano, 1957, p. 207- 244.

ILHA, Fr. Manuel da. *Narrativa da custódia de Santo Antônio do Brasil: 1584-1621*. RJ: Vozes, 1975.

LISBOA, Fr. Marcos de. *Crônicas da Ordem dos Frades Menores*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2001, 3 Vols.

MOREIRA, Antônio Montes. “Franciscanos”. In.: AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.). *Dicionário de história religiosa de Portugal*. Vol. 2, C-I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

PACHECO, Moreno. “Cronista de uma Custódia distante: Fr. Manuel da Ilha e sua *Narrativa da Custódia de Santo Antônio do Brasil* (1621)”. *Revista de História (USP)*, n. 177 (2018), p. 1-32.

PALOMO, Federico. “Memoria, cultura manuscrita y oralidad en la cronística franciscana portuguesa de la Edad Moderna”. *Tempo*, vol.22, n.41(2016), p.509-532.

_____. *A Contra-Reforma em Portugal 1540-1700*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006.

ROSA, Maria de Lurdes. “Hagiografia e Santidade”. In.: AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.). *Dicionário de história religiosa de Portugal*. Vol. 2, C-I. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000.

SÁ, Isabel dos Guimarães. “Estruturas Eclesiásticas e Ação Religiosa”. In: BETHENCOURT, Francisco e CURTO, Diogo Ramada (dir.). *A Expansão Marítima Portuguesa, 1400-1800*. Lisboa: Edições 70, 2010, p. 265-292.

Siguese um tractado muy provechoso llamado Manual de las cosas essenciales a que son obligados los Frayles Menores por su Regla. Copilado de las decretales e dichos de los doctores y expondores dela Regla de Nuestro P. sant [sic] Francisco. Compuesto por um docto padre de la misma Orden de la Província de la Conception. Coimbra: por Juan de Barrera, 1571.

Tractado do Seraphico Doctor S. Boaventura chamado, Da perfeição da vida, em que claramente isina o sancto os caminhos pera a perfeição, specialmente das pessoas religiosas. Convertidos em lingoagem per Frey Marcos de Lisboa frade menor da Província de Portugal. Lisboa: por Joannes Blavio, 1562.

TRINDADE, Fr. Paulo da. *Conquista Espiritual do Oriente*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962, 3 Vols.

WILLEKE, Fr. Venâncio. *Missões Franciscanas no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1978.

XAVIER, Ângela Barreto. “Itinerários franciscanos na Índia seiscentista, algumas questões de história e método”. *Lusitania Sacra*, 2ª Série, Tomo XVIII(2006), p. 87-116.